

O MITO, MATRIZ DA ARTE E DA RELIGIÃO

Prof. Tarcísio Moura

A relativa facilidade encontrada pela ciência e pela tecnologia modernas em revolucionar tantos setores vitais das sociedades humanas (não é necessário muito esforço para constatar isto) nos leva a pensar, temerosos, que as expressões de cultura oriundas da religião e da arte não mais irão constituir-se em símbolos representativos das civilizações. Até hoje, conhecer um povo foi, em grande parte, saber de sua arte e de sua religião. Doravante será, ao que parece, saber tão-somente do arrojo de seus projetos científicos e tecnológicos. O estilo de vida de uma época não mais terá, por identificação, um credo ou um acervo de obras sublimes. As páginas da história deverão, assim, vir tingidas de cores menos místicas e menos poéticas. Pois a função, pensamos nós, ocupará o lugar da inspiração.

Não pretendemos cultivar aqui, entretanto, os temores que acompanham tais pensamentos. Ao contrário, talvez cheguemos mesmo a amortecer o impacto que eles poderiam provocar sobre as mentes mais preocupadas pelas expressões de arte e de religiosidade dos povos. Temos até a esperança de contrapor, a um pessimismo fácil diante do caráter demasiado técnico da hodiernidade, um otimismo sofrido, mas consciente das verdadeiras raízes onde têm origem tais expressões de cultura.

O nosso objetivo será justamente este: tentar descobrir o móvel fundamental que tanto nos estágios mais primitivos como nas manifestações culturais mais desenvolvidas e técnicas, aciona os momentos humanos de adoração e de inspiração criadora. Talvez possamos, com isto, tornar menos profundos aqueles temores e mesmo encontrar alento para esperar, de nossa tecnizada civilização, arrojados momentos de crença e de criação artística.

1. O HUMANO DAS ORIGENS E AS ORIGENS DO HUMANO:

O MITO

Tema nenhum tão vulgar da tradição assumiu talvez, com a mesma intensidade, valor tão invulgar na literatura hodierna como o tema do mito. As razões desta retomada espetacular encontram-se sobretudo nos resultados das investigações empreendidas em amplos setores de ciência como, por exemplo, da etnologia. Estes estudos provocaram, a partir dos inícios deste século, total reviravolta na concepção vigente do mito. Realizados *in loco* (1) e não mais baseados apenas em análises antigas ou em testemunhos orais de missionários e viajantes, eles puderam demonstrar que o comportamento e a mentalidade dos povos primitivos (2) da Austrália, África, Guiné, América etc., não eram tão ilógicos e tão irracionais como poderiam parecer a um europeu "civilizado". Para as interpretações correntes, intelectualistas e racionalizantes, representou grande surpresa afirmar que as narrações míticas destes povos não constituíam simples lendas ou contos fabulosos nem eram assim fluidos ou inconsistentes como a linguagem das crianças (3).

Para sentir de perto como ocorreu esta revolução, vejamos como se apresentam e como devem ser encaradas tais narrações. Fomos buscar, a propósito, uma delas no patrimônio mítico do homem primitivo da Oceânia. Seu tema é uma explicação da origem do sol.

"Antigamente, assim começa a narração, não havia sol.

Apenas oscilavam as estrelas no céu e flutuava a lua.

Também não existia ainda o homem. Povoavam a terra

(1) "O papel e a função dos mitos ainda podem (ou podiam, até recentemente) ser minuciosamente observados e descritos pelos etnólogos. Interrogandos os indígenas a respeito de cada mito, bem como de cada ritual das sociedades arcaicas, foi possível apurar, ao menos em parte, o significado que lhes atribuem. Evidentemente, esses "documentos vivos", registrados no curso de investigações efetuadas *in loco*, de modo algum solucionarão todas as nossas dificuldades. Mas eles têm a vantagem considerável de nos ajudar a colocar corretamente o problema, ou seja, situar o mito em seu contexto sócio-religioso original" — Mircea Eliade, **Mito e Realidade**, S. Paulo, Ed. Perspectiva, 1 972, págs. 10 — 11.

(2) Usamos o termo "primitivo" como designação já consagrada para nomear os povos mais antigos, eliminando-lhe qualquer conotação pejorativa.

(3) G. Gusdorf, em seu livro: "**Mythe et Métaphysique**" (Paris, Flammarion, 1 970) afirma que o erro fundamental da interpretação tradicional foi o de considerar o mito como uma espécie de lenda ou narração de acontecimentos fabulosos de estrutura doutrinal muito rudimentar.

somente as aves e os animais maiores que as aves e os animais que hoje conhecemos. Um dia, Dinevan, a ema, e Breglai, a grua, foram passear no campo de Murrumbidye. Porém, ao chegar aí, logo se enfasiaram e passaram a lutar entre si. Breglai, encolerizada, foi até o ninho de Dinevan; encontrando ali um ovo, lançou-o com toda a sua força para o céu, onde se despedaçou ao se chocar contra um monte de lenha. A gema amarela do ovo escorreu por sobre a lenha, que se incendiou; e, logo, também o mundo apareceu banhado por uma nova luz, muito mais clara.

Ficaram todos muito assombrados, pois até então haviam vivido num perpétuo amanhecer apagado. Agora, por ser tão brilhante a luz, estavam quase cegos. Sucedeu que, no céu, vivia um espírito bom. Ao ver aquela luz nova, pensou: "que belo é o mundo quando iluminado por uma luz assim!" E desde então o faz cada dia" (4).

Esta narração singular reflete bem o que seja a consciência mítica do nosso homem primitivo. Ao primeiro contato com ela somos envolvidos, com sutileza, por um ambiente imaginário e, sem dúvida alguma, inconsistente. O argumento nos arrebatava, de imediato, para uma irrealdade total. E, assim transportados para outra dimensão, perdemos bruscamente nosso ponto de referência para com a realidade das coisas. Neste estado, a nossa explicação mais imediata é a de que não se trata senão de uma fábula, como acontece nos contos infantis. Repentinamente um passe de mágica nos expulsou do real para nos atirar na atmosfera imprecisa do fantástico.

Se, no entanto, estreitamos o nosso contato, a narração nos leva a refazer todo o nosso caminho: é o imaginário que nos conduzirá agora à realidade. A narrativa passa a perder inconsistência e sua fantasia nos transporta a um ponto de referência real e verdadeiro que, se não é o mundo de nossas coisas, é o autêntico mundo do primitivo.

Vemos que a sutileza desta narração é a maneira plástica de representar um mundo vivido sem partes, sem cortes racionais, sem hierarquias e divisões objetivas. É uma visão transparente a mostrar um mundo indiviso tal como a mente que o projeta. Não é um mundo fabuloso, nem um mundo racional. É um mundo mítico.

(4) cf. **Homéroszi Himnuszok** (Os Hinos Homérios). Budapeste, Edição Bilíngüe, 1 939, vol. I.

Deste modo, não existe, como bem desejaríamos, uma lógica obrigatória para a narração mítica. No exemplo atrás, não encontramos relação lógica de causalidade entre o ovo de Dinevan, quebrado estranhamente no céu ao se chocar contra um monte de lenha e o fenômeno maravilhoso do sol que brilha pela primeira vez. Podemos, no entanto, descobrir nesta visão mítica um saber, digamos assim, pré-racional que, de certa maneira, será confirmado pela ciência moderna: o de que no ovo, na célula, já está em germe o ser que depois nascerá e se desenvolverá. A narração de Breglai e Dinevan não é senão uma expressão do saber primitivo do homem sobre o mistério da célula. E se esta não é objeto de uma disciplina sistemática, como temos hoje na Biologia, não podemos dizer que aquele saber seja pura fabulação. Ele constitui uma forma de conhecimento, confundida e, melhor ainda, fundida pelo primitivo com a vivência de seu mundo cotidiano. Cabe-nos a tarefa, se quisermos exercer justiça sobre a ciência daqueles povos, de analisar e elucidar o caráter deste saber.

Esta maneira inteiramente insólita de explicar o mito provocou, dentro da tradição, o espanto dos mais racionalistas. Aliás, uma reação já esperada, pois a mente puramente intelectual sempre acusa de irracional todo critério fundado, acima de tudo, em valores vivenciais.

No entanto, tal espanto de reação indignada pode ser também nosso. Talvez com maior razão ainda, já que o mundo da técnica nos faz hoje pouco afeitos a "fabulações". (Procuramos, via de regra, ter um comportamento objetivo, prático, realisticamente produtivo e intelectualmente defensável. Queremos "manter os pés no chão" e "ater-nos à realidade".) E nosso espanto será maior se considerarmos que os novos estudos pretendem bem mais: que o mito não seja apenas a primeira forma do viver humano, correspondente aos estágios de civilização menos desenvolvida (sobretudo dos assim chamados primitivos), mas a forma fundamental de todo viver humano. Nas palavras do antropólogo B. Malinowski: "O mito, tal como o encontramos nas comunidades primitivas, isto é, na sua forma original, não é simples narrativa, mas realidade viva; não é pura ficção, semelhante à que apreciamos nas novelas e romances, mas um sucesso originário que domina e determina ininterruptamente o mundo e o destino dos homens (...). É um fator vivo da civilização humana, não uma explicação intelectual ou uma fantasia artística (...). Afirmo que há certa espécie de narrativas, consideradas sagradas, já incorporadas na ética e na organização social e constituem a parte essencial das culturas primitivas. Essas narrativas não se impõem por intermédio de um interesse superficial e exterior ou na qualidade de descrições fictícias ou por pretenderem representar a

verdade, mas sim porque representam a afirmação de uma realidade original, mais importante e elevada, que determina a vida, o destino e a atividade da raça humana e porque o seu conhecimento constitui o fundamento da ética e dos ritos" (5).

Assim, o basicamente humano se funda, seja agora como outrora, todo ele no mito. Isto nos leva a modificar totalmente as perspectivas tradicionais sobre as civilizações primitivas. Porque, se é verdade ser o mito a fonte de todo o autenticamente humano, nada melhor para compreendê-lo, e também a nós mesmos, do que no comportamento primitivo, onde se encontra, por assim dizer, em estado puro. O homem primitivo não pode, então, ser encarado como o negativo de nossa civilização, mas sim como sua matriz primordial. Não nos deve espantar a afirmação de quanto o homem de hoje muito deve a ele. Assim afirma Ernesto Grassi: "Os povos primitivos a que nos referimos, tão distantes de nós e tão incompreensíveis nas suas reações que já não podemos conceber o seu modo de acesso à natureza, estão, em verdade, muito mais próximos de nós do que pensamos: em cada um de nós vive — como o demonstrou a psicologia moderna — um homem primitivo, já destituído, é certo, da sua integridade invulnerada e, portanto, despedaçado e dividido. Porém, nesta mesma divisão ainda se conservam restos e vestígios da unidade de outrora. Cabe a Freud o mérito de o ter mostrado. Do mesmo passo revelou algo de novo para a estética, que até então nunca fora considerado: o mundo não consiste originariamente numa chuva de isoladas impressões sensoriais. Esta é apenas uma última abstração da análise científica que destrói os derradeiros vestígios de coesão" (6).

E não é diversa a opinião de Mircea Eliade, grande estudioso dos mitos e das religiões: "Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos" (7).

Todos estes abalizados testemunhos nos parecem frustrar. Instruídos pela análise e pelo rigor científicos, temos a inclinação de desmitologizar e, mesmo, desmitificar o mito, destituindo-o de qualquer valor que contribua para a explicitação de nossa realidade.

Entretanto, é justamente por não ter um caráter explicativo que o mito revela toda a sua pujança de significados. Ele nos relaciona com um nível de expressão mais fundamental que qualquer explicação de ordem

(5) cf. **Myth and Primitive Psychology**, 1 926; reproduzido no volume **Magic, Science and Religion**. New York, 1 955, págs. 101 — 108.

(6) cf. **Arte e Mito**. Lisboa, Livros do Brasil, pág. 43.

(7) cf. **Mito e Realidade**. S. Paulo, Ed. Perspectiva, 1 972, pág. 8.

científica. E a análise especulativa que se pretenda fazer sobre ele é já, pode-se dizer, a sua destruição. O mito é portador de um sentido exclusivamente mítico do mundo. "O sentido que um mito nos transmite", diz-nos M. de Ferdinandy, "não pode ser aprendido nem tão pouco reproduzido por meio de formas ou de categorias não mitológicas. Aqui está o motivo pelo qual viver o mito implica determinado estilo de manifestação espiritual de um povo, tal como sua poesia, sua escultura, sua ciência ou sua música" (8).

Só se compreende o mito pelo próprio mito. Quando as investidas racionalizantes não o destroem, no mínimo seu crivo de análise passa despercebido por ele. Pois, muito mais que a razão e a ciência, o mito está encarregado de conter, por uma espécie de "razão engajada", aquilo que deve ser encarado como o plenamente humano. O mito é a forma de vida que a ciência, embora almeje, jamais será. E se a ciência pretende transformar-se numa forma de vida, como pode bem nos parecer na civilização altamente tecnicista de hoje, só o será miticamente. A ciência só destrói um mito criando outro: o de si mesma. E, como que por um paradoxo inesperado, vemo-nos hoje diante de uma tarefa cada vez mais inadiável: a de desmascarar o mito da ciência.

Em todas estas constatações, feitas a partir das modernas investigações sobre o homem mítico, depositamos nossa esperança em relação ao destino das obras culturais de cunho artístico e religioso. Embora, como dissemos de início, se trate de uma esperança sofrida, a ela nos apegamos como sinal, não de descrença total na ciência e na técnica, mas de fé no humano que, fundado no mito, ultrapassa os limites dentro dos quais a ciência e a técnica estão circunscritas.

Entretanto, se é fácil trazer afirmações tão empolgantes sobre a origem do humano, não o é alicerçá-las a ponto de se tornarem razoáveis. É necessário demonstrar, pela análise de sua estrutura fundamental, que o mito suporta todos os encargos até aqui atribuídos a ele.

2. A ESTRUTURA DOS MITOS E O MITO DAS ESTRUTURAS.

A retomada do mito pelo pensamento racional traz o risco de deixar escapar o que há nele de essencial. Tal ocorria nas interpretações racionalistas tradicionais que eram arrastadas pela irresistível tendência de considerá-lo uma coisa vã.

O pensamento racional quer explicar e aclarar tudo. E ele só consegue isto procedendo a uma divisão, em setores parciais, da imagem total da

(8) cf. En **Torno al Pensar Mítico**. Berlin, Colloquium Verlag, 1 961, pág. 9.

realidade. Trabalhando com conceitos e idéias, ele acaba por fixar e distinguir certas constantes de um processo que, em si, não é assim tão fixo e repartido. Entretanto, não há, para ele, como fugir disto. Não existe outra maneira pela qual a razão consiga integrar uma série de fenômenos numa estrutura universalmente válida.

Não nos cabe aqui analisar o que há nisto de arbitrário. Cabe-nos apenas mostrar quão longe está o pensamento racional de esgotar, por tais motivos, a indivisa realidade do mito.

Para o homem mítico não há cortes a serem feitos na realidade pelo pensamento. Ele vive dentro de um mundo harmônico e fechado. Não necessita de esclarecimentos, nem de ligar os fatos através de idéias coerentes. Dentro da narração já citada de Dinevan e Breglai, por exemplo, não percebemos uma ligação coerente e causal entre um ovo e a luz solar. Mas o primitivo constrói outro tipo de relação e faz dela a razão de ser de um dia ensolarado. Para ele isto ocorre sem a necessidade de investigar as suas causas e os seus porquês.

Somos nós, formados sob o signo do pensamento racional, que necessitamos destes porquês. O pensamento mítico atua muito bem sem eles, o que não significa absolutamente uma privação. A falta de interesse pelos porquês não é prova de ausência total de saber entre os primitivos. Seu comportamento é predominantemente de ordem emocional. E seu pensamento é também desta ordem. Se, por exemplo, algo de novo lhes é apresentado, eles não procuram explicar-lhe objetivamente a causa. Sua explicação é de outro nível, pois vem apenas manifestar, na espontaneidade de um saber imediato, o temor perante o novo fato.

Podemos dizer que o acesso do primitivo à natureza permanece em estado ainda virgem. Sua consciência é constituída de um pensamento mais engajado do que refletido, pois está sempre à flor da existência. É um pensamento que o primitivo confunde com sua própria vida. Num contexto vivido, ele se afirma como a maneira mais espontânea de se estar no mundo. Não constitui, assim, uma verdadeira teoria ou doutrina sobre as coisas, mas é a inserção do próprio homem na sua realidade.

Tudo isto mostra a distância que vai do saber mítico ao saber racional. E não é difícil de encontrar, entre nós, maneiras de esclarecê-la. A música nos traz um exemplo muito claro. Uma coisa é, por exemplo, ouvir e sentir uma sinfonia de Beethoven. Outra coisa é estruturar e lhe analisar o conteúdo. Dá-se o mesmo com o mito. Qualquer análise que dele se fizer é já sua

destruição. A análise, para compreender, divide através de estruturas racionais. Ora, o mito, sendo essencialmente unidade de vida e de pensamento, não chegará a ser compreendido através de tais divisões.

Esta estrutura fechada do mito pode ser constatada ainda, por exemplo, na unidade entre linguagem, ritmo, verso e música, que a palavra **musiké** exprime dentro do grego arcaico. Vê-se que aí o termo possui um significado muito mais vasto do que o nosso vocábulo mais específico **música**. Na Grécia antiga, Platão atribuía à **musiké** ainda uma virtude educativa, porque a entendia como unidade de palavra, ritmo e dança.

Desta maneira, um mito é, antes de tudo, uma totalidade que não se pode dividir sem destruir. As funções especializadas que encontramos hoje em todos os setores da cultura, na ciência, na arte, na técnica etc., não existiam como tais no mundo mítico. Por isso, quando falamos de arte primitiva, por exemplo, não se trata de uma arte no sentido que nós entendemos hoje. A arte primitiva fazia corpo com o existir e com as preocupações mais práticas do cotidiano mítico. Na arte dos caçadores primitivos notamos isto: o "artista" pintava uma cena de animal numa pedra ou dentro de uma caverna, não por objetivo estético, mas como meio mágico de auxílio na obtenção de alimentos. Para ele, a representação pictórica antecipava o evento real, a caça. Seguir-se-ia esta, segundo ele, inevitavelmente à ação mágica da representação, uma vez que nela já estava contida. É o que nos afirma A. Hauser: "Quando o artista paleolítico pintava um animal na rocha, **produzia** um animal real. Para ele, o mundo da ficção e o da representação, a esfera da arte e a da simples imitação, não constituíam ainda por si só um domínio especial, diferente e separado da realidade empírica; não punha ainda em confronto as duas esferas, considerando-as como distintas: via numa a continuação direta e indiferenciada da outra" (9).

Assim indiviso por constituir ao mesmo tempo ciência e prática, arte e culto, saber e emoção, o mito permanece uma estrutura inatingível racionalmente. A análise racional do mito traz sempre o risco de despojá-lo de sua unidade fundamental.

Isto não quer dizer, no entanto, que a razão esteja diametralmente oposta ao mito. Ao contrário, ela procura ser sua sucessora com plenos poderes. Ela pretende substituí-lo retomando-lhe todas as funções. Não é difícil explicar como fará isto. Na sociedade mítica, repetimos, não encontramos distinção de planos e de funções. Não há, nela, técnica, não há conhecimento,

(9) Cf. **História Social da Literatura e da Arte**. S. Paulo, Ed. Mestre Jou, 1 972, pág. 17.

não há representação estética, não há religião, não há política. Mas há tudo isto num exercício conjunto. O homem mítico é o homem da unidade que não foi ainda perdida. Ele exerce cada uma de suas funções como prolongamento e repetição de todas as outras. Ele não chega nem mesmo a diferenciar o próprio pensamento da realidade exterior que o envolve. O seu meio, os rios, as montanhas, as florestas, os astros, tão vivos são quanto ele, que é mera repetição de todos estes elementos. Aqui encontramos uma explicação muito profunda da origem do totem.

Ora, em seu caminhar irreversível para um progresso e um desenvolvimento cada vez maiores, a razão irá, por assim dizer, "estilhaçar" o mito, dividindo-o em partes correspondentes às várias atividades que ele exercia ao mesmo tempo. É como se o mito fosse uma espécie de peça de cristal que a razão se incumba de clivar seguindo as suas camadas de cristalização. Estas camadas, na analogia aqui aplicada por nós, à arte, à técnica, à política, à religião, enfim a todas as funções que hoje temos e que o mito, digamos assim, esconde na sua indivisibilidade (10).

Acontece que, ao querer conquistar todas as funções do mito, a razão rompe a unidade e o equilíbrio que antes regulavam as atividades do mundo mítico. O advento da modernidade, promovido pelo desenvolvimento da razão, provocou a emancipação de cada função especializada. Cada uma delas escapando a todo o controle e se desenvolvendo por sua conta com o risco de desequilibrar todo o conjunto. Desde então, cada uma destas funções tenta recompor, por própria conta, aquela unidade perdida. Para isso procura elaborar novas estruturas, como se estas ressuscitassem a estrutura original mítica.

Esta passagem do mito para uma razão progressivamente mais estruturada constitui um dos grandes movimentos evolutivos da história humana desde seus primórdios até os nossos dias. É a história do caminhar paulatino através do qual a razão vai incorporando e aperfeiçoando todos os tipos de funções. Criando técnicas cada vez mais sofisticadas, ela busca atingir um triunfo completo. Cada época representa para ela um passo a mais nesta direção. Se podemos dizer que estamos hoje, pela ciência moderna, no ápice deste movimento, devemos reconhecer que amanhã uma nova estrutura surgirá para que ele não permaneça estacionário.

Pretendendo tomar posse de tudo, a ciência se candidata a realizar, pelo que aparenta, todos os projetos, incluídos os que ora nos interessam mais de perto: o artístico e o religioso.

(10) Esta analogia e toda uma análise da passagem do pensamento mítico para o pensamento racional, por nós aplicada em nosso estudo, podem ser encontradas na obra já citada de G. Gusdorf, *Mythe et Métaphysique*.

Entretanto, se este movimento da história nos mostra a evolução progressiva da razão, ele não nos mostra tudo. Levados apenas por ele, seríamos obrigados a afirmar que as obras científicas deveriam cobrir tudo aquilo que é o humano. Nada melhor do que o estado atual da tecnologia científica para demonstrar isto. É necessário, porém, considerar outro movimento dentro da história para ver o que há nisto de mistificação. Este segundo movimento é o de que o homem não pode viver de partes e de setores especializados. Ele caminha historicamente como uma estrutura unitária. E cabem aqui as afirmações já feitas de que o homem sempre permanece mítico, uma vez que é próprio do mito viver de maneira total.

As pretensões da ciência, embora não sejam vãs, correm o perigo de levar a algo de falso, uma vez que ela atua sempre por setores. A especialização no mundo moderno é um exemplo claro disto. A unidade indispensável ao viver humano faz com que a especialização dê origem a crises. E estas não podem ser hoje negadas. Embora a ciência tenha caminhado tanto, as crises existem talvez mais abundantes do que outrora. Daí concluímos que a própria crise não é senão a maneira mítica (e sofrida) de o homem viver a própria ciência. A crise é o sintoma de um anseio pela unidade. Unidade que o homem não quer perder.

Este movimento de unidade dentro da história humana nos mostra, então, que apesar de tudo a ciência deixa um caminho aberto. É o caminho que vem das origens míticas. Nele fundamos a confiança nas fontes inspiradoras das expressões culturais de arte e de religião, que a ciência não matou.

Com isso, preenchemos os objetivos colocados por nós desde o início e iluminamos nosso caminho de esperanças. Mas alguém irá perguntar ainda: como se relacionam a arte e a religião com sua matriz e fonte inspiradora que é o mito ?

3. DO MITO ÀS FORMAS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA E RELIGIOSA

Configuramos anteriormente dois movimentos na evolução histórica do homem: o movimento de distinção progressiva de funções e o movimento de vivência unitária que o homem procura realizar através dos acontecimentos sucessivos. Devemos confirmar a existência concomitante destes dois movimentos.

Ambos têm origem no homem primitivo, já que este é o marco inicial da própria história. E em nos referindo ao homem dos primórdios devemos lembrar-nos aqui de tudo o que afirmamos dele como ser mítico: um comportamento que reúne num só tempo todas as funções.

Cabe-nos mostrar de que maneira duas funções fundamentais tiveram surgimento a partir do mito: a do culto e a da arte. Para tal, devemos valer-nos destes dois movimentos de evolução histórica do homem.

O mundo mítico é, primordialmente, o mundo da ação. Todas as ações são verdadeiros ritos, assim como os ritos são verdadeiras ações. Através dos gestos e atitudes, os ritos realizam o que a ação executa diretamente. As ações são gestos sagrados, uma vez que elas são realizadas pelas potências sagradas. Estas agem diretamente, pois estão imediatamente presentes no mundo. Esta presença imediata de tudo em tudo caracteriza todo o mundo primitivo. Todo o tempo está, por exemplo, presente no mesmo e sempre único instante. Não há distinção entre as dimensões temporais: presente, passado, futuro. Há sempre um presente eterno. Tudo ocorre hoje como ocorreu nos primórdios. A festa religiosa procura manifestar claramente isto. Ela comemora e não vai nisto uma pura lembrança. Ela é uma liturgia que representa de maneira idêntica o que aconteceu no princípio dos tempos. Esta repetição também acontece em relação ao espaço. Cada lugar é a repetição do outro, que, de fato, não é considerado como sendo outro. Não existe, por isso, uma seqüência espacial logicamente organizada. Assim também toda pessoa é a outra, que a ela não se opõe, mas se identifica. Daí não é difícil conceber como cada personagem do mundo é a repetição da própria divindade.

Com a evolução da história humana, esta dimensão do sagrado que se difundia por todas as partes do mundo mítico, torna-se, numa expressão bem clara de G. Gusdorf, "um princípio de atividade particular que se sistematiza em forma de religiões" (11). Daí surge a função específica da religião, distinta agora do todo mítico. É isto o que nos mostra o primeiro daqueles movimentos da evolução histórica.

O processo é idêntico em relação à atividade estética. As representações pictóricas e as fabulações primitivas também se desprenderam de suas ligações com os ritos, com a magia, com a preocupação prática, para não obedecer senão ao desejo de expressão humana e de satisfação estética.

O mesmo processo é aplicado ainda com respeito à própria ciência. A ela compete a função específica de conhecimento, de discriminação lógica, de eficácia racional.

(11) cf. *Mythe et Métaphysique*.

Cabe aqui, no entanto, uma observação. A religião e a arte estão muito mais próximas de sua matriz mítica do que a ciência. Àquelas, digamos assim, atribuímos o direito de primogenitura. Tanto é que, ao se falar de mito, entende-se comumente alguma coisa relacionada a um ídolo ou a um deus, ou então a uma lenda ou fábula inventada pelos poetas e literatos.

A religião e a arte já nasceram praticamente maduras e adultas. A ciência, pelo contrário, sofre um movimento muito lento de parturição. Seu parto é um parto difícil. As formas religiosas e as correntes de estética logo se multiplicaram, ao passo que a ciência ainda não se libertou de um processo de incubação. Por isso, pode-se optar por uma forma ou outra de religião, ou escolher um estilo ou outro de expressão artística. Isto não lhe altera a autenticidade. Mas tal não acontece em ciência, que permanece totalmente inelástica, tal o princípio de rigor que a orienta.

Para se entender estas diversas maneiras de a arte, a religião e a ciência se desprenderem das raízes míticas, é-nos necessário inserir aqui aquele segundo grande movimento da história a que nos referimos: o movimento de vivência totalizante. Esta totalidade vivenciada, nós só encontramos no mito, do qual a religião e a arte são as expressões mais próximas. A ciência, porém, não a realizou. Apesar de tudo o que já fez, com todas as glórias que ostenta, a ciência não se assenhoreou ainda deste movimento de vida total que é a essência do humano. Os momentos de crise por ela mesma suscitados mostram que as suas tentativas neste setor não são plenamente coroadas de êxito. A ciência não admite as crises. Estas não significam, dentro da arte e da religião, motivos de temor, pois são assimiladas como parte do processo. Para a ciência as crises constituem sério perigo, se não a morte.

Tudo isto nos permite mostrar que a ciência não esgotará todas as expressões do humano. Ela não tomará o lugar e a função que cabem ao culto e à arte. T. Roszak nos diz que "A inteligência científica deixa-nos mudos assim que entramos naquela esfera de experiência onde os artistas e os místicos afirmam haver encontrado os valores supremos da existência" (12).

Podemos refletir no seguinte: se a ciência não constituiu a origem da religião e da arte, também não será causa de sua morte. Não negamos que sobre elas paira a sombra da crise. Hoje muito mais do que nunca. Isto será, entretanto, um grande motivo para que desempenhem sua verdadeira missão, a qual a ciência não tem condições de desempenhar. Sem dúvida, será uma difícil missão, a se realizar somente após trilhar um caminho árduo. Será uma missão sofrida. Mas não se pode negar que o caminho está aberto.

(12) Cf. **A Contracultura**, S. Paulo, Ed. Vozes, 1 972, pág. 63.